



9025
COMEDIA
INTITULADA:
A CURIOSIDADE
DAS
MULHERES.

PESSOAS:

Onorio, homem pacifico.

Belizaria, sua mulher.

Rozimunda, sua filha.

Floriano, Esposo de Rozimunda.

Leopoldo, homem colerico.

Leonora, sua mulher.

Lizauro, amigo dos sobreditos.

Flaminio, amigo de Lizauro.

Profirio, Mercante.

Lauriana, criada de Belizaria.

Birbaute, criado de Profirio.

Pantuso, criados de Onorio.

Rafino,



LISBOA,
Na Officina de FRANCISCO SABINO DOS SANTOS.
M. DCC. LXXIV.

Com licençã da Real Meza Censoria.

ACTO I. SCENA I.

Camara com portas fechadas.

Onorio lendo em hum livro : Floriano , e Lizauro jogando as Damas : Leopoldo sentado.

- Leop.* **A** Migos , como vai o jogo ?
- Flor.* Neste instante fiz Dama.
- Liz.* Eu não tardarei muito em fazella.
- Leop.* Vós jogais muito picados.
- Flor.* Sim : verdadeiramente jogamos picados : disputa-se a honra , mas não o interesse.
- Leop.* Já se sabe. Aqui não se joga por interesse ; busca-se o divertimento.
- Flor.* E desta forte subsiste a nossa sociedade : de outro modo , ou ja estaria desfeita , ou algú de nós arruinado. Dama.
- Leop.* Outra couza melhor concorre para a nossa subsistencia.
- Flor.* Sim , aquella de não querer admittir mulheres á nossa companhia.
- Leop.* E ellas que por este motivo sentem hũa paixão notavel.
- Flor.* O que lhes dá mais pena . .
- Liz.* Assopro a Dama.
- Flor.* Porque ?
- Liz.* Porque vos esquecestes de comer esta.
- Flor.* He verdade : tendes razão : só por ter fallado em nulla res perdi o jogo.
- Leop.* Se ellas aqui entrassem , vos farião perder o juizo , quão mais o jogo.
- Flor.* Ainda espero de endireitalo.
- Liz.* Amigo Leopoldo , convidai-o a fallar , e me dais gosto : de outro modo não posso ganhar.
- Flor.* Fallai , fallai : não me confundo.
- Leop.* Que dizeis vós sobre o que lhes dá mais pena ?
- Flor.* Aquillo que mais as atormenta , he a curiosidade de saber o que fazemos neste apartamento.
- Leop.* Sim , he verdade. Leonora minha mulher , todos os dias me atormenta em me fallar neste ponto ; e quanto mais lhe digo que não fazemos nada , mais lhe enfada , e menos o acredita.
- Flor.* O mesmo me acontece com a Señhora Rozimunda , minha

4 futura esposa: Sécca-me, e não me deixa soffrir a sua impertinencia, porque a amo; mas seguro-vos que me atormenta.

Leop. Eu que sou pouco paciente, me tenho encolerizado muitas vezes com minha mulher, e se continúa, temo de fazer algum deli propozito.

Flor. Dama. He forte trabalho o que se tem com estas mulheres! querem saber tudo.

Leop. E não basta dizer-lhe a verdade: se o não vem; não o acredita; ralhaõ, e amofinaõ em termos de nos reduzirem a pregar-lhes com a cabeça em hũa parede.

Flor. He verdade: fazem perder a paciencia: precisa estar namorado, como eu estou, para soffrelas.

Onor. Amigos, ouço fallar em couza que me toca, e não posso deixar de entrar na conversação.

Leop. Também vós sois atormentado pela Senhora Belizaria?

Onor. Perguntai ao amigo Floriano: minha mulher nunca se calla.

Flor. Sim, Mãe, e filha atormentão capozmente.

Onor. Minha filha Rozimunda ainda lá o faz com algũa moderação; porém Belizaria minha mulher he hum demonio.

Leop. Também vós entráis nas impaciencias, em que eu sou

obrigado a entrar?

Onor. Não, amigo, não cultivo impaciencias: não me altero, nem me encolerizo: não quero que as louças de minha mulher me prejudiquem a saúde.

Leop. He necessario que se possa fazer isto.

Onor. Para se fazer tudo quanto se dezoja não ha repugnancia, havendo modo, e soffrimento.

Flor. Não sabeis? o Senhor Onorio he Filozofõ.

Leop. Não basta ser Filozofõ para soffrer hũa mulher indigesta: he necessario ser Estoico.

Onor. Quando fallais em Estoico, que entendeis dizer?

Leop. Q. e sei eu? insensato.

Onor. Pobres Filozofõs! como são delatendidos! os Estoicos, que punhão a verdadeira felicidade no exercicio da virtude, chamão-lhe Estultos.

Leop. Eu não sei nada de Filozofia: estimo mais este pequeno descanso, que todas as maximas de Platóõ. levanta-se *Flor.*

Flor. Cida hum de vós, nesta amigavel sociedade, satisfaz ás inclinações do seu genio, e passa o tempo focgado em tudo que honestamente lhe dá gosto: Eu tenho a minha paixão pelas operações engenhosas: exercito de boamente aquelles jogos onde a sorte não tem parte algũa. Diverte-me muito a Mathematica, a Geo-

metria, a Architectura, e aqui me restauro do sentimento, se deixei a minha bella enfadada cõmigo; e muito mais se consollo, se ella me fez retirar contente. Perdoai, Senhor Onorio, se desta forte falla hum, que deve ser Esposo de vossa filha. Já sabeis que todas as mulheres tem occasiões, em que estão de bom animo, e outras em que são infoffrivéis.

Onor. Sim, he necessario que todos sejam Filozofõs, como eu sou, para zombar dellas.

Leop. Dizei, Senhor Filozofõ, naquille liyro da Filozofia, q̄ enũa a cada hum regular-se com as mulheres fastidiosas, indigestas, e impertinentes, entra o capitulo de baítas?

On. Entra na Filozofia dos reiticos. Qualquer homem he Filozofõ; antes o verdadeiro Filozofõ he aquelle, q̄ não sendo escravo da opinãõ dos outros, segue os estímulos, e os influxos da propria, e inacta Filozofia. Eu tambem leio os Filozofõs antigos, e modernos; mas tenho meu sistema particular.

Flor. E sobre q̄ he fundado principalmente esse vosso sistema?

On. Sobre tres principios infallivéis: Honestidade, razão, e experiencia.

Leop. Meus amigos, se quereis proseguir em fallar na Filozofia, de pressa irei para outra ca-

za: Eu venho aqui descansar hum pouco dos embaraços dos meus negocios; e este pouco que aqui estou, tenho gosto de me divertir.

Flor. E para effectuar o divertimento, que couza se precisaria mais?

Leop. Hum bom jantar, cu hũa boa cea.

Flor. Quereis que esta noite ceemos todos juntos?

Leop. Por mim estou prompto; e muito mais sendo tão bom o divertimento: Que diz o Senhor Filozofõ?

On. A Filozofia não he inimiga do honesto recreio.

Leop. Porém adverti que quereis beber.

On. Tambem hum homem pode ser sobrio no meio dos intemperados.

Flor. Ah! vem o Senhor Porfirio: roguemos-lhe que nos faça preparar hũa cea.

Leop. Bellissimo fogueito he este Senhor Porfirio! Elle erigiu este nosso divertimento; regulá prudentemente a nossa iociedade; dá bem de comer; e creio que ainda poem algũa couza da sua aljibeira.

Flor. Gosta muito desta companhia por elle mesmo procuraõ da.

Leop. Nella não quer mulheres; e faz bem.

On. Assim podãmes gozar de toda a nossa plenissima liberdade.

SCENA II.

*Porfirio, e os ditos.**Porf.* Amigos ultimadissimos, amizade, e boa feizaõ.*Todos.* Amizade, e boa feizaõ, Senhor Porfirio.*Porf.* Sabem que ja deo meio dia?*Flor.* He tempo de nos it-mos embora.*On.* Floriano, quereis vir jantar cõmigo?*Flor.* Não regeito o voffo favor.*Porf.* Meus Senhores, quando fe fazem estas Nupcias?*a Floriano, e Onorio.**Flor.* Eu dependo da vontade do Senhor Onorio.*Onor.* Não tardará muito.*Flor.* A minha Esposa morre por vir aqui.*Porf.* Oh! ha de perdoar-me; isto não: aqui não entra ella certamente. Neste lugar não queremos mulheres.*Leop.* Esta noite queremos cear todos juntos: fareis o costume do favor?*a Porfirio.**Porf.* Com muito gofio. Quantos seremos?*Leop.* Aqui estamos cinco.*Porf.* Bellamente: darei providencia, e apprelharei a cea. Comeremos, e estaremos alegres.*Onor.* Está determinado: Vamonos embora: Senhor Porfirio, amizade, e boa feizaõ: a Deos amigo.*Vai-se.**Porf.* Ea quando estou com os meus amigos, estou na minha

quinta. Bribante, donde está tu?

SCENA III.

*Bribante, e o dito.**Brib.* Aqui estou, Senhor meu amo, quer algia rouzi?*Porf.* Esta noite he necessario preparar-me a cea.*Brib.* Para quantos?*Porf.* Para cinco, para seis, ou para oito.*Brib.* Será servido. (Quantos mais forem, mais me fica nas unhas.*Porf.* Bribante, faze isto com bizarraria. Tenho precisaõ de honrar-me com os meus amigos; quero que estejaõ a seu gofio; que gastem bem o seu dinheiro; e para que as couzas fe façaõ com abundancia, contento-me de pôr algia porçaõ de dinheiro, além do q me compete, quando seja necessario.*Brib.* V. m. tem nisto o seu unico divertimento; e eu tambem pela utilidade que tenho nos fragmentos, não disgofio.*Porf.* Não tenho neste mundo outra couza, que me divirta mais, do que a convivencia com os meus amigos: eu escolhi diversos, que me parecem de igual sinceridade; e com estes vou passando o tempo, propria, e honestamente, livre de motins, e sujeizaõs.*Brib.* E. comtudo, Senhor meu amo, se V. m. foubelle quantos reportorios se fazem por ef-*A curiosidade das mulheres.*

esta limitada converlaçaõ, e por este lugar, onde não entra quem não he da companhia, ficaria attonito: Hum diz hã couza; outro dia outra; e especialmente as mulheres, que cõtoiraõ, e rebentaõ por ter cá entrada lá para verem, e saberem.

Porf. Deenganem-se, que não entraõ cá; e assim se ajuntou na sociedade: quem não he della, não pode entrar, e mulheres de nenhã sorte.*Brib.* Parece-me impossivel.*Porf.* Oíha não te delcuides desta advertencia: não te atrevas nã por pouco, nem por muito; nem cedo, nem tarde a deixar entrar mulher aqui dentro; porq immediatamente te mando embora.*Brib.* Perdoe-me, diga: V. m. he inimigo das mulheres? Saiba que ja vi muitos, que não apodiaõ ver, e depois enchendo-fe de amor até aos olhos, cahiraõ como luns patinhos.*Porf.* Não sou inimigo das mulheres, nem me cauza tedio a sua prezença; porque naturalmente tem em si os attractivos do agrado; mas parece-me q o amor de hã sincera amizade he hum amor mais nobre, e menos perigozo; e para cultivá-lo não he preciso que se misture com outros affectos. Adonde estáõ mulheres, não se pode evitar que alguma fe7
infiãmo: a chãma do amor fe ga-se o frio do ciuime; e em pouco tempo, a çaça do divertimento passa a seminario de discordia: adverte q tambem te disse o porque: a ainda que não é muito espesto, he necessario que me entendas.*Brib.* Ainda não entendi nada.*Porf.* Basta-me que entendas estas duas palavras: aqui dentro não quero mulheres. *Vai-se.**Brib.* Como quer que não entrem, não entraráõ. Importa-me conservar hum amo, que me dá hum bom salario, e me importa tambem, que vá por diante esta sociedade; porque lhe vou sacando; encho a barriga; abunda o licor precioso; e deixando na mão o resto do dinheiro, que sobeja da compra; além do que tiro, fica o meu trabalho bem premiado.

SCENA IV.

Camera de Belizaria em caza de Onorio.

*Belizaria, e Rozimunda.**Bel.* Isto ja he costume: Deo hã hora depois do meio dia, e o meu Senhor Conforte ainda não vem para cea.*Roz.* Terá algum negocio precizo.*Bel.* Estárá naquelle maldito appartamento.*Roz.* Pode ser que esteja lá com o Senhor Floriano: costumáõ andar sempre juntos.*Bel.*

Bel. Porém que diabo fazem de manhã, e de tarde lá dentro?

Roz. A empresa deve de ser de gosto; porque nunca a deixas.

Bel. Jogarás precipitadamente.

Roz. Minha Mãe, eu tenho medo...

Bel. De que?

Roz. De que entrem lá mulheres.

Bel. Porém mulheres não as querem lá dentro.

Roz. Dizem que não as querem lá; porém nós não vemos o que fazem.

Bel. Essa tua desconfiança he hum ciúme, e não tem fundamento: eu só digo que jogaas.

Roz. E eu digo que conversas com mulheres.

Bel. Está bem: eu me tirei de si duvida.

Roz. De que sorte?

Bel. Quero de repente entrar lá dentro quando elles estiverem juntos.

Roz. Euitaria quanto tenho por ir tambem nella occasiã.

Bel. As pessoas do teu estado não he permittido. Irei eu, e te farei dizer tudo.

Roz. Vós não me direis a verdade.

Bel. Sim, tudo te direi: verei quem joga, e quem não joga.

Roz. Estarás lá mulheres, e vós não me direis nada.

Bel. Os jogadores quando estão no empenho não cuidas com mulheres.

Roz. Mas elles yã alli por cau-

za das mulheres, e não por cauza do jogo.

Bel. Tu não sabes o que dizes.

Roz. Provêra ao Ceo que eu não fallasse verdade: Quando o coraçãõ me diz hã couza, nunca me engana.

SCENA V.

Leonora, e as ditas.

Leon. Está aqui alguém? posso entrar?

Bel. Entrai, Senhora Leonora, entrai. A estas horas! he força de negocio: vindes jantar em nossa companhia?

Leon. Vim a dizer-vos, que finalmente vim a saber o que fazem nossos maridos naquelle logar occulto.

Bel. Eu o estou percebendo: jogarão desprezositadamente.

Leon. Qual jogar, nem mello jogar.

Roz. Será o que eu digo: estarão lá Senhorinhas.

Leon. Quaes Senhorinhas; isso he engano: Eu sabe tudo com muita miudeza: ouvi; mas guardai segredo: Fazem o *Lapis Filozosorum*.

Bel. Sabeis que talvez será isso? meu marido sabe Filozofia, e será o Mestre.

Roz. Como o foubeteis, Senhora Leonora?

Leon. Tudo vos direi; mas... pelo amor de Deos não o digais a pessoa algũa.

Bel. Não duvideis,

Roz.

A curiosidade das Mulheres.

Roz. Em quanto a mim não tem perigo.

Leon. Foi esta manhã buscar o Alfaiate, para ver se me tinha acabado aquelle vestido verde... bem sabeis o vestido em que fallo?

Bel. Sim, aquelle que fizeste ás escondidas de vosso marido.

Leon. Sim Senhora: hum emprestimo mo tinha exovalhado: foi vizitar-me hã amiga, e disse-me: he peccado ver estraido hum vestido tão excellente: mandai-o concertar: digo-lhe eu: enfiar-me onde assiste algum Alfaiate bom:

diz ella: Sim Senhora: Ide ter com Folano: e me ensinou onde elle morava.

Bel. E foubeste esta manhã, e foubeste do *Lapis filozosorum*?

Leon. Esperai; não me atrapalheis: Mandei chamar este grande Alfaiate: veio; fiz-lhe ver o vestido; provou-mo, e olhando para hã manga, o vio arruinado daquella lórtre: está perdido certamente.

Roz. Porém quando havemos chegar á conclusãõ?

Leon. Eu acabo ja: disse: Senhora Leonora, deixe estar, e eu o porei desórte, que pareça novo. Tomou o vestido, e levou-o para casa; pois sabeis? ja hoje fazem quinze dias, e ainda não appareceo: estes Alfaiates todos são assim; promettem, promettem, e palayça he couza e

não cumprem: Fazem-me tal riva, que os dezejo moer.

Bel. Porém vamos ao fim: Tirei-me desta curiosid de.

Leon. Quando me lembro do Alfaiate dá-me saores.

Roz. Não falleis mais no Alfaiate: vamos á substancia do caso.

Leon. Sim: agora vos direi como sube do *Lapis filozosorum*. Elle Alfaiate mora... vizinho... conheci aquella engomadeira, que hã muitas vezes lá a minha casa?

Bel. Sim, bem conheço; vamos adiante.

Leon. Pois o Alfaiate mora duas portas mais acima, na mesma rua, onde assiste, antes de chegar a hã loge.

Roz. Na verdade, Senhora Leonora, me fazeis impacientar com essa arenga.

Leon. Porém he preciso dizer as couzas por sua ordem: Sabei finalmente...

SCENA VI.

Lauriana, e as ditas.

Laur. Oh Senhora minha ama?

Bel. Que temos?

Laur. Ja sube tudo.

Bel. De que?

Laur. Da casa onde se ajuntas... sei tudo, sem he saltar nada.

Leon. Primeiro q tu o foubemos nós: Fazem o *Lapis filozosorum*.

Laur. Qual *Lapis filozosorum*. Isto he historia.

Bel. Apoitemos nós que jogaas?

B

Laur,

Laur. Peior: não Senhora.

Roz. Terá lá mulh. res.

Laur. Muito menos: tube todo; porém... callada.

Bel. Callada: para as outras.

Laur. Querem... mas pelo amor de Deos não diga nada.

Roz. Vamos, dize o que fazem.

Laur. Querem descobrir hum thezoiro.

Bel. Qual thezoiro, vai-te embora.

Laur. Sim Senhora, he verdade, e fazem hum tem numero de feitiçarias.

Roz. Certamente?

Laur. He o que lho digo: com toda a clareza o tube.

Leon. Tambem eu ouvi dizer que fazem o ouro disputavel; e talvez terá o mesmo que descobri thezouros.

Bel. Sim, sim, será verdade.

Roz. Ai de mim! não posso fahir da minha suspeita.

Leon. Como foubestes isto?

Laur. Eu lho digo; porém... callada: á nossa porta esteve ha pouco aquelle pobre; que vem todas as Sextas feiras...

Roz. Temos outra historia como á do Alfaiate.

Leon. Não te ponhas com atrengas; e rodeios dilatando o caso.

Laur. Oh! eu não sou de flas. Bê sabem que estes pobres andão por toda a parte: Eu perguntei-lhe: Irmao, donde tem estado? ha muitos dias q o não

vejo! vai elle; e diz-me: este tive ajudando a fazer húa certa cova vizinha a húa certa caza. Eu apenas lhe ouvi isto, vim correndo a trazer noticia.

SCENA VII.

Pantuso, e as ditas.

Pant. Depressa; vamos para a meza; q já vejo o dono da caza.

Bel. Donde esteve até agora?

Pant. Boa pergunta! no lugar costumado.

Bel. Mas que fazem elles naquella maldita caza?

Pant. Pergunte-lho, e o saberá.

Bel. Anda cá, ouve.

Pant. Aqui estou; e seja breve; porq com fome não ouço nada.

Bel. Joga? *de manso.*

Pant. Sim Senhor.

Bel. Eu o disse. *á p.*

Roz. Dize-me: divertem-se com as mulheres. *de manso.*

Pant. Sim Senhora.

Roz. Ah! o coração me dizia *á p.*

Leon. Olha cá.

Pant. Olha.

Leon. Ouve.

Pant. Ouço, sim Senhora.

Leon. He verdade q fazem o *Lapis Filosoforum*? *de manso.*

Pant. Sim Senhora.

Leon. Vejaq se he certo. *á p.*

Laur. Dize-me; Pantuso?

Pant. Que queres?

Laur. Cavao para descobrir hum thezoiro? *de manso.*

Pant. Sim Senhora.

Laur. Então fallei verdade. *á p.*

Pant.

Pant. Dizendo sempre que sim te dá gosto a todos. *á p.*

Leon. Dize; Pantuso, viste meo marido?

Pant. Sim Senhora.

Leon. Poi ja para caza?

Pant. Sim Senhora. Em quanto viver hei de dizer q sim. *á p.*

Leon. Vou me embora depressa. Amigas, se foub. r mais algũa couza, sem demora venho contilla.

Bel. Mas aquella noticia do *Lapis Filosoforum* não he verdadeira.

Leon. Não he verdadeira? antes verdadeirissima: em caza do Alfaiate estava o Irmao do aprendiz de pedreiro, e disse q o Mestre de seu Irmao foi á tal caza fazer hñas fornhalhas, e q depois se provera q de muitos copos: e disse hum amigo do Alfaiate, q com as fornhalhas, e os copos se faz o *Lapis Filosoforum*: o Alfaiate he hum fugito que se entende muito bẽ; e eu quando digo húa couza nunca me engano. *Vai-se.*

Laur. Acreditem-me, que não sabe o que diz. Nas fornhalhas se faz tambem de comer, e com os vidros se bebe. O pobre disse-me que fazia húa cova; eu tenho buvido dizer a muitas pessoas, que junto áquella caza está hum thezoiro, e sem duvida o tiraõ; e eu quando fallo, fallo com fundamento, e digo sempre a verdade. *Vai-se.*

Bel. Eu creio que não sabem couza nenhúa.

Roz. Querem que seja tudo aquillo que prezomem.

Bel. Parece-me que os estou vendo com as certas na mão.

Roz. E eu estou tãõ certa em que elles tem lá mulheres, quanto estou certa de que hei de morrer. *Vai-se.*

Bel. Tambem esta está obstinada, Mas ficará todas com a boca aberta, quando virem q tô eu adivinhei. Ah! chega o Jogador.

SCENA VIII.

Onorio, e a dita.

On. Senhora, no entanto q faço húa certa conta, dai ordem a que se prepare a meza.

Bel. Queris fazer a conta so dinheiro que perdesteis?

On. Floriano janta cá hoje: fizel mais hum pratinho.

Bel. Sim, convidai todos os amigos; hoje tercis ganhado.

On. Quatro, e dezasseis; dez, e quinze. *escrevendo.*

Bel. Já sei o que se faz naquellas e zas occultas.

On. Sim? estimo em muito. *escrevendo.*

Bel. Vós arruinastes a vossa caza.

On. Não Senhora, he engano. *escrevendo.*

Bel. O jogo he o precipicio das Familias.

On. Lá não se joga. *escrevendo.*

Bel. Não se joga?

... B. 2. On.

On. Não, certamente: *circo*, e *dois*, *sette*. *escreve.*

Bel. Então que se faz?

On. Nada que seja máo.

Bel. Se isto assim fosse, também lá poderia entrar vossa mulher.

On. Isto então he que seria máo. *escrevendo.*

Bel. Sim? ora veja! homem indiscreto! *como quem se enfada.*

On. Quatro vezes quatro, *dezá seis*. *escrevendo.*

Bel. Maldito seja o dia, em que me casei com voico.

On. He tarde.

Bel. Para que he tarde?

On. Digo que vamos jantar, porque he tarde.

Bel. Ainda elto a tempo de me separar de vós, e deixar-vos sózinhos.

On. Oh! nullo me farieis hũa grãde caridade. *escrevendo.*

Bel. Dai-me o meu dote.

On. Nada vez nada, *he nada*. *escrevendo.*

Bel. Que e nada?

On. Eu faço a minha conta. Não fallo como voico. *escrevendo.*

Bel. Quero saber o que se faz naquella casa.

On. Todos passamos bem, para ser-vi-la.

Bel. Todos sois hũa companhia de gente péssima.

On. As mulheres não entrão lá.

Bel. As mulheres são péssimas?

On. Não Senhora, são boas: digo q' não entrão naquella casa.

Bel. Se lá entrassem, toda a súlpita se acabava.

On. As mulheres são suspeitadas. *Bel.* Porém diga-me: custa muito a dizer: o que lá se faz, he isto, ou aquillo?

On. Não custa muito.

Bel. Então sabemos o que se faz.

On. Dezafeis, e seis, vinte e dois, e oito...

Bel. Oito dardos, que vos atraivellem. *da-lhe no braço.*

On. Oh, bzeite-me tilcar o numero.

Bel. Maldito sejais.

On. Também vós. *escrevendo.*

Bel. Salvege!

On. Em tudo vos dezejo imitar. *escrevendo.*

Bel. Imaginaes de vos contentar sempre nesse maldito segredo?

On. Está feita a conta. *levantando-se.*

Bel. Que conta fizesteis?

On. Sim, ja a acabei.

Bel. Assim me tratais?

On. Vamos para a meza, minha Senhora.

Bel. Homem indigno!

On. Sou muito seu criado: váz mos jantar. *Vai-se.*

Bel. Indignissimo! he forte pachorra! nunca se encoleriza: não responde, e me faz comer de raiva!... oh! naquella maldita casa; aquelle maldito lugar fechado he toda a minha conformissa. Quero lá ir, quero ver, quero saber, ainda que cuide de rebentar. *Vai-se.*

SCENA IX.

Rozimunda, e Floriano.

Roz. Não vos quero ouvir, deixai-me. *fugindo.* *Flor;*

Flor. Suspendei-vos, Senhora, *Flor.* Oh! nullo vos enganais: não me fujais. mulheres não entrão lá absolutamente.

Roz. Vós não me quereis bem.

Flor. Mas porque motivo dizeis isto?

Roz. Se me quizeis bem, haverieis dizer-me o que se faz naquella casa.

Flor. Ja vo lo disse muitas vezes: não se faz nada.

Roz. Se não se fizesse nada, não iria lá ninguém.

Flor. Quero dizer: não se faz nada, que mereça a vossa curiosidade.

Roz. Sim, sim, bem vos percebo: ahí ha coiza occulta, e tercieis empenho de não descubi-la.

Flor. Certamente vos alicvero, como homem de bem, q' não ha ahí coiza de segredo importante.

Roz. Se assim fosse, me dirieis a verdade.

Flor. Eu vos digo a verdade: Discorre-se sobre novidades; lê-se bons livros; joga-se algum jogo de ingenho, sem interesse de ganho: algũas vezes se janta; outras se ceia; passão-se duas, ou tres horas em boa sociedade, e convivencia de bons amigos, e se goza o melhor passatempo deste mundo.

Roz. Entre todos estes divertimentos, deixaste de fóra o melhor.

Flor. E qual he?

Roz. Aquelle de passar o tempo com as Senhoras.

Flor. Oh! nullo vos enganais: mulheres não entrão lá absolutamente.

Roz. Eu vos não acredito.

Fl. Juro-vos pela minha reputação, que he verdade.

Roz. Perdoai-me, não vos creio.

Fl. Rozimunda, vós me fazeis hũa injustiça, q' eu não mereço.

Roz. Quejais que vos acredito tudo aquillo que dizeis?

Fl. Assim vos seria conveniente.

Roz. Introduzi-me a ver o que se lá faz hũa só vez, e vos prometto q' então vos acreditarei.

Fl. Sim, a vossa fé teria então hum grande merecimento.

Roz. Eu não sei nada disso, se não vejo, não creio.

Fl. Em quanto a mim, vos satisfaria de boamente.

Roz. E que impedimento tendes para não fazê-lo?

Fl. A prohibição dos meus companheiros.

Roz. Essa prohibição he máo signal.

Fl. Porque?

Roz. Se não queres que se veja, haverá ahí algũa coiza ruim.

Fl. Que coiza ruim entendeis que lá se faça?

Roz. Mulheres a todas as horas para conversar.

Fl. Se lá entrassem mulheres, todo o mundo as veria.

Roz. Póde ser que as façais entrar em traje de homem.

Fl. Vós nos acreditais por discipulos, e de máos costumes?

Roz. Se fossem bons, não occultariéis o que lá se faz.

Fl. He crível que não se possa fazer hũa união de bons amigos, sem que seja perseguido?

Roz. Este grande segredo com razão excita as suspeitas.

Fl. Donde está o segredo? digovos a verdade: não se faz coisa, que offenda a honestid. de: não ha nada, que não seja permitido.

Roz. Maldito seja esse vosso nada.

Fl. Vamós. Senhora, não vos altereis: acreditai o q' vos digo.

Roz. Deixai-me, não sejais importuno.

Fl. Não trateis assim o vosso Espozo.

Roz. Vós meu Espozo!

Fl. Como he isso? não o sou?

Roz. Não: ide-vos que não vos quero.

Fl. Mas porque?

Roz. Porque não me quereis dizer a verdade.

Fl. Isso he hũa impertinencia, q' me faz doído: aquillo que vos disse he verdade, e o juró...

Roz. Juramentos de homens! não vos creio.

Fl. Então?

Roz. Então, não vos quero ver mais.

Fl. Ah! Rozimunda, por piedade...

Roz. Não ha piedade; não ha clemencia; ide-vos.

Fl. Oh Ceos! onde está aquella extremo amor que me con-

fessaveis?

Roz. Não sabeis o que diz o Proverbio? A crueldade gosta o amor.

Fl. Eu cruel? eu que vos amo mais do que a mesma alma!

Roz. Parece-vos pouca crueldade affligir hũa mulher, como vós fazeis?

Fl. Affligir-vos! de que modo?

Roz. Com a mais feroz, com a mais terrível curiozidade, que se póde dar no mundo.

Fl. Com todo o gozto vos satisfaria, se podesse.

Roz. Está na vossa mão o fazê-lo.

Fl. Como?

Roz. Introduzindo-me naquella casa.

Fl. Lá não entraõ mulheres, bom o sabeis.

Roz. Se lá não entraõ mulheres, aqui não entraõ homens: ide-vos embora.

Fl. Querida Rozimunda...

Roz. Ide-vos, ou não vos ideis embora?

Fl. Vosso Pai me convidou a jantar com elle.

Roz. Então ficai-vos, e eu me irei.

Fl. Oh Ceos! vinde cá, ouvi.

Roz. Vamos, aqui estois: quereis dizer-me a verdade?

Fl. Não vos mentirei por todas as riquezas do mundo.

Roz. Que coisa se faz lá dentro?

Fl. Nada.

Roz. Maldito vós, e o vosso nada.

Vat-se.

Fl. Maldita a minha fortuna! eõ as mulheres não se póde fallar ver-

verdade: a sua curiozidade não só as leva a quererem saber tudo, mas não se contentão, se com os proprios olhos não se certificão. Eu amo excessivamente Rozimunda; mas nem porisso quero disgoitar os meus amigos: lá dentro nunca a introduzirei: mais deprella, por não perder o seu amor, e deixarei de frequentar a companhia: passada a cea desta noite, por não disgoitar Rozimunda, não tornarei lá mais.

SCENA X.

Lauriana, e o dito.

Laur. Senhor, o jantar está na meza.

Fl. Eu vou.

Laur. Tenha a bondade, diga-me: que tem a Senhora Rozimunda, que a vejo enfadada?

Fl. Ella atormenta-me, e affligese a si mesma sem razão.

Laur. Pobre menina! tanto custa o contentá-la?

Fl. Porém como?

Laur. Dizer-lhe a verdade: dizer-lhe o que se faz entre vós naquella casa fechada.

Fl. Já lho disse, e não o acredita.

Laur. Se V. m. lhe dissesse a verdade, ella o acreditaria:

Fl. Basta, tu me fazes cambem encolerizar: não fomentes a sua carlozidade.

Laur. Em quanto a mim não cuidando nisso; já sei todo.

Fl. Quando sabes tudo, saberás q'

não se faz coiza alguma ruim.

Laur. Antes se fazem coisas boas.

Fl. Pois dize-o a Rozimunda; e que deixe as suspeitas.

Laur. Para contentá-la seria preciso fazer hũa coiza.

Fl. Que coiza?

Laur. Conduzi-la a ver o que lá fazem.

Fl. Os meus amigos não querem lá mulheres; e além disso, parece-te conveniente a hũa donzella honesta, e civil entrar aonde não estejaõ mais do que homens?

Laur. He verdade; mas tambem para isso ha algum remedio: poderei ir eu em seu lugar ver tudo para lhe dizer a verdade.

Fl. Porém se não entraõ lá mulheres!

Laur. Poderei ir vestida de homem.

Fl. Eu creio que ainda és mais curioza que tua ama.

Laur. Qual curioza! se eu sei tudo, para que hei de ter curiozidade? faço isso só para focgar a Senhora Rozimunda.

Quando eu lhe disser: Senhora, eu vi tudo; a coiza he assim; acredita-me, pacifica-te, e não o atormenta mais.

Fl. Isso não se póde fazer.

Laur. Pois se não se póde fazer esta coiza, menos se póde fazer aquella.

Fl. Que coiza?

Laur. O seu casamento com a Senhora Rozimunda.

Fl. E porque?

Laur.

- Laur.* Porque ella está muito teimosa, dá-lhe pouco credito; e se eu não a asseguro da verdade, não a quer saber de outroem.
- Fl.* E deverei expor-me ao risco de desgostar tantos homens de bem, para lhe dar hũa tão ridicula satisfação?
- Laur.* Bem se está vendo q' não lhe quer muito.
- Fl.* Eu a amo mais do que a mim mesmo.
- Laur.* Aquelles que amaõ verdadeiramente, fariaõ maiores excessos pela sua amada.
- Fl.* Quando imagino q' para dar-lhe satisfação deverei saltar á minha palavra, como sou homem honrado não tenho coraçõ para o fazer.
- Laur.* Não sei o q' lhe diga; V.m. he hum fogeito delicado, e certamente o desculpa; contudo quizera ver se podia servi-la, e a V.m. no mesmo tempo.
- Fl.* Descubra tu o modo.
- Laur.* Façamos assim: Demos a entender á Senhora Rozimunda, que eu estive lá; e desta sorte, confirmando-lhe tudo q' V.m. diz, ha de acreditá-lo, fozera, e ambos ficãõ contentes.
- Fl.* Bella idéa: Tu és hũa rapariga de juizo.
- Laur.* Olhe se me empenho em dar-lhe gozto, fozeitando-me a mentir; coiza que não faria, nem por quanto dinheiro ha.
- Fl.* Não sei o que diga: quando
- as mentiras se dirigem a hum fim honesto, e não trazem dano a ninguem, também se podem tolerar.
- Laur.* Basta, farei esse esforço.
- Fl.* E pelo trabalho, que tiveres, não ficarás descontente: nós fallaremos.
- Laur.* Está bom.
- Fl.* A Deos, vou para a meza; não quero q' me esperem mais tempo.
- Laur.* Não quizera que a Senhora Rozimunda me podesse convencer de falsidade; quizera poder sustentar verdadeiramente, que estive lá.
- Fl.* Vai fóra, e dize-lhe que estiveste na tal casa.
- Laur.* Por exemplo: a que hora?
- Fl.* Que sei eu? junto ao meio dia, ou á noite.
- Laur.* Esta noite ajuntá-se lá?
- Fl.* Sim, esta noite lá ceamos.
- Laur.* A que horas?
- Fl.* Entraremos ás sette, e estamos té ás dez.
- Laur.* Está bom: esta noite irei ver hũa minha amiga, e poderei dizer-lhe que estive lá.
- Fl.* Bellamente: depois nos veremos. *partindo.*
- Laur.* Faça-me o favor: se ella me perguntar, por exemplo: como he feita a casa; quizera saber-lhe dizer algũa coiza.
- Fl.* Que coiza lhe quereria dizer?
- Laur.* Por exemplo: á porta bate-se, ou toca-se algũa campainha? como se entra na casa?

- Fl.* Qualquer de nós té hũa chave. exemplo, ahí ha xaminés?
- Laur.* Entrãõ também me amotera á sua chave?
- Fl.* Seguramente: o Senhor Onorrio tem hũa semelhante.
- Laur.* (Gozto de sabê-lo) Esta tal chave he macha, ou femea?
- Fl.* He femea; porém com hũa quantidade de guardas, q' não he possível achar-se outra: o Senhor Porfirio mandou vir estas chaves de fóra, e aqui não ha nenhum que as saiba fazer.
- Laur.* Faz bem, para maior segurança; mas comtudo quizera dizer-lhe algũa coiza mais: por exemplo, a escada he logo junto da entrada da porta?
- Fl.* Não ha lá escada: he hũa habitação terrena, cuja porta está na entrada á mão direita.
- Laur.* Também a porta estará fechada?
- Fl.* Certamente.
- Laur.* Quantas camaras ha na casa?
- Fl.* Tres camaras, e a cozinha.
- Laur.* Não deixa de haver ahí algũa dispensa?
- Fl.* Não, não ha mais nada; porém tu queres saber muito?
- Laur.* Não; procuro isto para poder fingir que estive lá: por

ACTO II. SCENA I.

Camara em caza de Leopoldo, com húa Meza, sobre a qual estava o seu vestido.

Leouora só.

Leop. Que bruto he aquelle meu marido! com elle he não se pôde fallar: depressa levanta a voz, e se delecta de levantar as mãos. Porém ralhe, grite, faça quanto sabe, e quanto quer: ha de dizer-me o que se faz daquelle caza, ou eu me hei de ir embora para caza de minha Mãe. Tive sentimento de vir tão sendo o Feitor; não pude dizer o meu animo; porém eu me desaffogarei: entre tanto, já que aqui está o vestido, que trouxe esta manhã, quero ver se acho nas algibeiras alguma coisa, com que posso descolchitr o negocio; estas graças nunca a hã; naturalmente não sou curioso; porém esta vez estou picada: este he o seu lenço... elle té hum nó? para que o daria? quem mo dera saber! e que chaves são estas? eu nunca as vi! nas portas de caza certamente não servem: ah! agora sim, que entro em maiores suspeitas: se Leopoldo não me diz q chaves são estas, temos historia. Isto he húa carta! Vejamos para

quem he, e quem a manda. Ao Senhor Leopoldo, por de Deos... vejamos o q diz, e quem escreveu: vosso verdadeiro amigo, Porfirio: Sim, he hum daquelles da conversação occulta. *Mando-vos as duas chaves novas, tendo para maior segurança feito mudar as guardas das fechaduras, depois q meu criado perdeu as chaves antigas: e mandei vos esperarmos á hora costumada: á Deus. Bello! estas são as chaves do lugar Topico: que bella coisa seria tirar lhas, e depois repentinamente se pillá-las na empreza; mas serã as novas, ou as velhas? Quando foi escrita esta carta? as vinte do mez. Oh, sem duvida são as novas: elle chega: estas não lhas dou mais, ainda que soubebe me moia com pancadas.*

Mette a carta na algibeira do vestido, e guarda as chaves na sua

SCENA II.

Leopoldo, e a dita.

Leop. O criado ainda não veio?

Leop. Se ylleste já o tercis visto.

Leop.

Leop. Esta resposta he galante.

Leop. He concernente á vossa pergunta: vedes que não está cá o criado, e me procurais se ja veio?

Leop. Procuo por elle, para saber se o mandasteis a alguma parte: parece-me impossivel q não viesse já.

Leop. Em quanto áquelle asno, quando o mandai a alguma recado, por lá fica todo o dia.

Leop. Tenho de sair para fóra, e preciso que me vistão.

Leop. O vestido aqui está, por deis vestir-vos.

Leop. Ajúdai-me... *tira o vestido da camara.*

Leop. Podieis dizer isto com me-lhor modo.

Leop. Tenha a bondade de me ajudar... *com ironia.*

Leop. Donde se vai tão cedo? *ajudando á vestido.*

Leop. Vou donde me importa, minha Senhora.

Leop. Sim, sim, ireis affoprar.

Leop. Affoprar? sou algum folle?

Leop. Bello! fingi que não entendeis. Ireis affoprar nas fornallhas.

Leop. Que fornallhas? não vos percebo?

Leop. Diferença-me que naquello lugar secreto fazeis o *Lapis Philosophorum.*

Leop. Que *Lapis*, nem que droga. Illo he mentira, vós sois húa louca, e quem vo lo disse.

Leop. Mas então que coisa fazeis lá mettido dentro?

Leop. Nada.

Leop. Absolutamente quero sabê-lo.

Leop. Absolutamente nunca o fareis.

Leop. Tanto forcei, até q o saiba.

Leop. B. lha, não quero razões.

Leop. Quero sabê-lo, e o saberei.

Leop. Não façais com q me chegue o meu mal.

Leop. Eu o saberei.

Leop. B. lha, não quero razões.

Leop. Oh! se hei de sabê-lo.

Leop. Senhora! Leonora...

Leop. Meu Senhor...

Leop. Querizeis-me o favor de mudar de conversa?

Leop. Eu o saberei.

Leop. Se o dizeis outra vez, hei de fazer-vos arrependet, á fé de quem sou.

Leop. Vós não terieis vontade de que eu o descobisse.

Leop. E vós...

Leop. E eu... Hei de sabê-lo.

Leop. E eu vos ensinarei, *quer dar-lhe hum bofetão, e ella se retira.*

Leop. Sim, mesmo por acinte hei de sabê-lo. *pendo-se longe.*

Leop. Olhai que vos quebro os braços.

Leop. Mas eu hei de sabê-lo. *de longe.*

Leop. Juro aos Ceos... *corre atraz della com o bastão.*

Leop. Hei de sabê-lo, hei de sabê-lo, e hei de sabê-lo. *Fecha se em húa camara. Leopoldo levanta o bastão e dá na porta.*

Leop. Não a chiro, levi milagre.

He melhor que me vá embora;
finto que a raiva me suffoca;
quer partir.

*Leonora abre a porta, e mette a
cabeça da parte de fóra.*

Leon. Sim, indigno, hei de fa-
bê-lo. *Leopoldo pega em húa
cadeira para lhe dar na cabeça.*

Leon. Hei de fabê-lo. *fecha a porta*

Leop. Teimosa! Ja não tenho
mais soffrimento. Não, não has
de fabê-lo. Não, indigno, não
has de fabê-lo. Não, tola, não
has de fabê-lo. *á porta.*

Leonora da outra parte contraria.

Leop. Sim, sim, hei de fabê-lo.
fecha, e parte.

Leop. Vou beber agua, não pos-
so mais. *Vai-se.*

SCENA III.

Camara em casa de Onorio com
quatro cadeiras. *Belizaria,
e Lauriana.*

Laur. Depressa, Senhora, q' se
não fallo, rebento.

Bel. Vamos, falla.

Laur. Achei modo para saber
todo.

Bel. De que?

Laur. Da companhia, das cama-
ras, e do que lá se faz.

Bel. Certamente? como?

Laur. Todos tem a chave na al-
gibeira, seria preciso tirá-las
a algum delles.

Bel. E depois?

Laur. E depois, eó bem sei o q'
digo, estou informada de tu-
do, e sou capaz ás escuras, e

a olhos fechados, introduzir-
me, e fonder-me, e saber tudo.
Bel. Terá meu marido essas cha-
ves?

Laur. Seguramente ha de tê-las;
e as terá na algibeira, porque
todos os dias lá vai. He neces-
sario estudar o modo de fazer
com que lhe desapareça.

Bel. Se as tem nos calços, será
difficiltozo.

Laur. Não pôde tê-las nos cal-
ços; porque chaves de por-
tas hão de ser grossas.

Bel. Esta manhã veio muito tar-
de, e não se despio, como al-
gũas vezes costuma fazer, se-
rá preciso esperar esta noite,
quando elle se for deitar na
cama.

Laur. Não, a galantaria estava
em descobrir o negocio ainda
hoje mesmo. Eu sube que esta
noite fazem húa cela.

Bel. Ah! quanto daria eu, se pô-
desse vê-los?

Laur. He necessario estudar o
modo.

Bel. Elles lá vem

Laur. Estude V. m., que eu tam-
bem estudarei.

SCENA IV.

*Onorio, Rozimunda, Floriano, e
os ditos.*

Roz. Cuida em si, e deixe-me.

Fl. Senhor Onorio, vedes como
me trata vossa filha?

On. Meu amigo, minha filha he
mulher como as outras. Terá

ec.

ocasioes em que agrada, e ou-
tras em que molesta. Fazer co-
mo se faz ao tempo. Gozai da
ferenidade, foga das trevoa-
das, e quando faz tormenta,
retirai-vos, e esperai que to-
me o Sol.

Roz. Meu Pai sabe dar bons con-
selhos.

Bel. Meu marido he feito de pro-
posito para moer a gente.

On. Senhora Lauriana, minha
Senhora, hoje não nos faz a
honra de trazer o caffè?

Laur. O caffè esta prompto, mã-
da que o traga aqui?

On. Ja que não o levastes á m-
za, aqui o beberemos.

Laur. Eu vou depressa. (Senho-
ra, veja como faz a empreza,
se pilhamos as chaves, esta-
mos de cavallo.) *a Bel. e vai-se.*

On. Rozimunda, que vos fez o
vosso espozto?

Roz. Nada, Senhor.

On. Não vos fez nada, e olhai
para elle carrancadamente?

Roz. Tenho occasioes em que
molesto.

On. Amigo, os ares estão nubla-
dos. Esperai que venha o Sol.

Roz. Este Sol não tornará tão de-
pressa.

On. Sim, ha de tornar quando se
pozer a Lua.

Bel. Hoje porque não tirais a ca-
zaca? porque vos não pondeis
em liberdade, como costumais?
o Senhor Floriano he de caza,
e não he pessoa que vos dê su-
jeicão.

a Onorio.

On. Tenho de sair logo para fó-
ra, e não quero ter dois tra-
balhos.

Bel. Não cedo queréis sair? a-
donde ides?

On. Tambem quer saber donde
vou?

Bel. Parece-me que a mulher se
podia dizer.

On. Sim, húa mulher de tantas
qualidades bem merece q' eu
lho diga. Devo ir pagar a vi-
zita aquelle Cavalheiro q' veio
cá hontem.

Bel. Parecé-vos que este vestido
he proprio para húa visita de
comprimentos? Deveis vestir
outro melhor.

On. Eu não reparo em couzas de
pouca entidade.

Bel. Bem sabeis que estes Senho-
res meos Cavalheiros não dis-
pençam cerimonia. Dirá que
tomais com elle demaziada
confiança.

On. Diga o que quizer, eu não
culdo nisso.

Bel. Isto ja he costume, basta q'
eu diga huma couza, para que
vós não a queirais fazer.

On. Senhor Floriano, quero que
estas Nupcias se conclua de-
pressa.

Bel. (Ja vejo que se frustra tudo.)

Fl. Em quanto a mim estou pró-
prio, porém a Senhora Rozimunda
não me quer bem.

Roz. Eu vos queria bem, se sol-
tais hum homem sim.

Bel. Despis este vestido? *a On.*

On.

On. Não Senhora. Preçaísteis-lhe alguma mentira?

Bel. (Eis-aqui como me attende.)

El. Eu sempre lhe disse a verdade, e elle não me quer dar credito.

On. Isso não he nada. Hũa pouca de cariozidade, misturada com hũa pouca de obstinaçãõ; he o servete q' costumãõ dar as mulheres. Passará, não he nada.

Roz. (Meu Pai fez-me crescer a raiva.)

Bel. Ao menos se não quereis vestir outro vestido; deixai que vos escove este. Todo está cheio de póeis.

On. Sim, gosto de ter hũa mulher tão delicada. Escovai-o, que vos ficarei obrigado.

Bel. Vindo cá. Despi-o, se quereis que vo lo escove.

On. Não, não, dai-lhe hũa escovadura alli pelas costas. Não quero ter esse trabalho.

Bel. Assim não se pôde escovar bem, despi-o.

On. Não Senhora, não vos incômodeis, que não importa.

Bel. Alli o tem; jámais faz couza que eu lhe diga.

On. Minha filha, não seiais tão picada.

Bel. (Estou perdido a paciência!)

Roz. Meu Pai, supplico-lhe que me deixe.

El. Está enganada comigo, sem ter culpa.

On. Não he nada. Depois de hũa pouco de enfado parece melhor a paz.

Bel. Não o quereis deixar? a *On.*

On. Não Senhora.

Bel. Sois hum afno.

On. Que dizeis, Floriano? não tenho hũa mulher que me quer bem? Tudo isto são palavras amorozas. Quanto dardes vos, porque a vossa Esposa vos fizesse hũa destas finezas?

Fl. Eu não dezeria que ella me insultasse.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

On. Eu discorro diversamente: Mais gosto de que as mulheres se desaffoguem, do que me agrada o vê-las com focinhos.

Bel. Faz a gente ethica com a sua pachorra.

no braço, e entorna o caffè sobre o vestido de Onorio.

Laur. Ai pobre de mim! perdoz; derrã-me no braço; não o fiz por querer.

On. Paciencia; não he nada.

Laur. Depressa, he preciso acudir-lhe com hum pão molhado.

On. Sim, faze lá isso.

Laur. Depressa, depressa, dê cá: o negocio está seguro.

On. Dai-me alguma couza, para não me encher de frio.

Bel. Traze-lhe outro vestido.

On. Sim, agora ficareis contente.

Bel. Fez Lauriana o que eu não tube fazer.

On. Desagrada-me ter perdido o caffè; mandai q' façaõ outro.

Bel. Vedes o que succede por não fazer o que dizem as mulheres?

On. Se fazia o q' vós dizeis, era peor: çajavãõ-me o outro vestido, que era novo, e da cor muito ligeita.

Bel. Se fizesseis o que eu determinava; não succederia isto.

On. Ouvis, Floriano? as nossas mulheres são profetizas: felicidades nós, que possuímos hum tão grande thezouro.

SCENA VI.

O Criado com o vestido, que veste a Onorio, e depois Lauriana, e os dous.

On. Senhora Bilizaria, estais contente?

Bel. Ainda não. (Tenho medo que procure pelas chaves.)

Laur. Aqui está o seu lenço, a caixa, e as chaves. a *On.*

On. Bellamente: és promptissima. mette tudo na algibeira.

Bel. Tambem lhe destes as chaves?

Laur. Não são aquellas; troque-as.

Bel. Fortes maximas tem citara-pariga!

On. Lauriana, eo não bebi caffè. He preciso outro.

Laur. Esta era a ultima porçãõ do que se tinha tortado, e não está prompto.

On. Paciencia;irei bebê-lo lá fóra.

Bel. Sim, á casa costumada.

On. Floriano, quereis vir comigo?

El. Farei tudo que me ordenares.

Roz. Olhai para mim? bem pôdeis ir: eu não vos peço.

On. Amigo, he melhor que nos vamos: deixai que o temporal se dezaffogue: á manhã haverá bom tempo.

Roz. Nem á manhã, nem nunca.

On. Nunca bom tempo? nunca? sempre nublado? sempre tempestade? quanto apóia, minhas meninas, q' se eu toco curta campanha, faço depressa apparecer bom tempo?

Roz. De que modo? como?

On. Ouvis: hei de metter-vos em hũ Convento. Que dizeis agora?

Roz. Eu em hum Convento!

Bel. Em hũ Convento a minha filha!

Os. Vamos, vamos: petiscou-se o lume, e accendo-se o fogo na fôrnalha. *Vai-se.*

Roz. Ovis aquillo? de todo sois vós a caça.

Fl. Senhora, eu não tenho culpa.

Bel. Minha filha em hum Convento! se não cazar comvosco, não lhe faltará maridos.

Fl. Tudo creio: porém eu não mereço nem os seus, nem os vossos desprezos.

Bel. Ide-vos, ide-vos, que vos está esperando meu marido.

Fl. Partirei por obedecer-vos.

Roz. Bella politica! deixar-me sem me satisfazer?

Fl. Porém Senhoras...

Laur. (Deixe-o ir, que tenho de lhe dizer hũa boa coisa.) *a Roz.*

Roz. Que coisa? de vagar.

Laur. (Mande-o embora: ja cá tenho as chaves.) *como acima.*

Roz. (Aperta-me a curiosidade.)

Está bem, se vos quereis auzenhar, não vos detenho. *a Fl.*

Fl. Ficarei, se vós affirmo o determinais.

Bel. Não, não, podeis ir. Meu marido espera-vos.

Fl. Que dizeis a isto, Senhora Rozimunda?

Roz. Se meu Pai vos está esperando, ide-vos.

Fl. Não me espera porque haja precizão grande: ainda posto deter-me.

Laur. (Mande-o embora.)

de manso a Rozimunda.

Roz. (Não quizera disgoitá-lo.)

Idem. e depois tornará *a Fl.*

Bel. Oh, não tenha incômodo.

Roz. A? manhã tornará.

Fl. Virei por obedecer-vos; mas

suplico-vos que tenhais piedade de mim. *Vai-se.*

Roz. Não quizera q se disgoitasse.

Laur. Não duvide: elle tornará.

Bel. Donde estás as chaves?

Laur. Aqui estás.

Roz. Que chaves?

Laur. Calada: as chaves da casa

onde elles se juntao: hũa da porta da rua, e outra do gabinete.

Bel. Vamos, vamos depressa.

Roz. Tambem eu quero ir.

Bel. A vós não he licito: deixai-vos

estár em casa, e vos contaremos tudo.

Roz. Minha Mãe, eu quero ir.

Bel. Ja vos disse que não. Vamos,

Lauriana: se os pilhmosos não de ficar mimados. *Vai-se.*

Roz. Lauriana, leva-me contigo.

Laur. Não duvido: eu vou, e depois

lhe direi tudo.

Roz. Donde alcançaste aquellas chaves?

Laur. Tirei-as ao Senhor seu Pai.

Roz. Quando?

Laur. Não vio aquelle laço que

lhe arrei com a volta do caffè? então he que lhas tirei.

Roz. Tambem eu quero ir.

Laur. Sua Mãe não quer.

Roz. Lauriana, se tu me queres bem...

Laur. Vamos, não seja curioza:

tenha paciencia: esta noite saberá tudo.

Roz. Sabe-me se está lá mulher-rez.

Laur. Outra coisa me'hor: hum thezoiro. *Vai-se.*

Roz. Nunca tive em minha vida maior tormento: paciencia, ellas irão, e eu ficarei!

Mas eu porque não? porque vou menta?

e perderei a reputação!

Emfim, se eu fosse espreitar o

q faz o meu Esposo, ninguém me podia reprehender: tomara

faber o modo com que possa

fazer isto. Minha Mãe, em

teimando, he difficil o voltar:

quando manda hũa coisa não tem remedio.

SCENA VII.

Floriano, e a dita.

Flor. Perdoai...

Roz. Vós aqui?

Flor. Sim Senhor: Vosso Pai tem

demora em casa desse Cavalheiro,

a quem foi pagar a vizita: converto sobre interesses,

e eu tomei o arrojado de incômodar-vos novamente.

Roz. Bem merecêis que eu vos

voltaſse as costas.

Flor. Porque, Senhora, que vos

fiz eu?

Roz. Não me quereis dizer a verdade.

E não havemos passar daqui?

Estimara em muito, que com os vossos olhos vos pedes-

seis assegurar da minha sinceridade.

Roz. Quando o queirais, podeis fazê-lo.

Flor. Como?

Roz. Introduzi-me lá ás escondidas.

Flor. Vós teríeis valor para ir só?

Roz. Não; irei com a creada.

Flor. Para ir a hum semelhante lugar,

a cre da não he companhia que baite.

Roz. Irá minha Mãe, se vós lhe

pedireis isso.

Flor. Rozimunda perdoai-me: ja

vos tenho dito isto muitas vezes.

Os meus amigos não que' hã

mulheres, e eu não devo...

Roz. E vós não deveis disgoitá-

los por minha causa: vejo que

vos importão mais do que eu; e

eis-aqui o fundamento de ac-

creditar-vos por infiel, e' menta

tiroso.

Flor. Está bem: para dar-vos hũa

prova do meu amor, deixarei

de lá ir: ficareis contente?

Roz. Darme-heis a entender que

não ides, mas sempre ireis?

Flor. Prometto-vos...

Roz. Isto não me basta.

Flor. Com juramento vos confim-

marei a minha palavra.

Roz. Não quero jurameutos, quero

hũa segurança maior.

Flor. Pedi-me...

Roz. Prometteis de dar-ma?

Flor. Sim, quando caiba na mi-

nha possibilidade.

Roz. Dizei-me... porém vede

não me mintais.

Flor. Não sou capaz disso.

Roz. Vós tendes as chaves, como tem os outros?
Fior. As chaves! de que?
Roz. Das portas daquela casa onde não podem entrar as mulheres?
Fior. Sim, eu as tenho, não posso negá-lo.
Roz. Esta he a segurança q' per-tendo: dai-me essas chaves.
Fior. Porém... estas chaves... nas vossas mãos...
Roz. Eis-aqui a bella sinceridade: eis-aqui o fundamento das vossas promeſſas, e dos vossos ju-tamentos.
Fior. Não advertis, q' se eu quizesse enganar-vos, vos poderia dar as chaves, e depois ir com hum dos companheiros.
Roz. Não vos creio tão impio, q' queirais médigar os meios para ser mentiroso: faltando-vos as chaves, vos falta, segundo eu discorro, o maior excita-mento: Floriano, se me ten-des amor, fazei-me a fineza de as depositar na minha mão.
Fior. Ah Rozimunda, vós me quereis reduzir a hũa coisa, que por muitos principios não he conveniente.
Roz. Tendes vós intento de ir áquelle lugar? Sim, ou não?
Fior. Certamente vos prometto de não ir lá.
Roz. Então que difficuldade tendes em me entregar as chaves?
Fior. Direi... estas chaves... se passarem para outras mãos

poderiaſ produzir alguns dez-certos.
Roz. Prometto-vos, por quem sou, q' nunca fahirá das minhas mãos. Estais contente? Farme-hais injuria de duvidar de mim? quero ver mais esta.
Fior. Queridi Rozimunda, dispenſai-me.
Roz. Não, certamente; esta he a ultima intimação que vos faço: ou entregai-me aquellas chaves, ou não cuides mais em que vos terei amor.
Fior. Basta, Senhora, não mais: tomai, aqui esta.
Roz. Nas minhas mãos ficão set-guras.
Fior. Rogo-vos me não façais ti-diculo com os meus amigos.
Roz. Não duvideis; deste modo fico satisfeita.
Fior. Vede se verdadeiramente vos amo.
Roz. Sim, eu o creio; descul-pai-me se o duvidei.
Fior. Quando posso esperar que seiais minha?
Roz. Quando por voffo gosto, e quizer meu Pai.
Fior. Vou dizer-lho, se me dais licença.
Roz. Sim; dizel-lhe que se acabou a tempestade, e que ja veio o Sol.
Fior. Vós me consolais, querida Rozimunda.
Roz. Eu ſico mais consolada que vós: estas chaves dão-me o maior gosto do mundo.

Fl.

Fl. Porque motivo?
Roz. Porque com ellas me assegu-ro do voffo amor. (E com ellas me asseguarei talvez daquelle segredo, q' me faz viver em perpetua curiosidade.)
Fl. Grande coisa he o amor! tudo se faz quando se quer bem: dei as chaves a Rozimunda cõ a maior pena do mundo; mas se lhe dei o arbitrio da minha vida, posso tambem confiar-lhe as chaves de hũa simples conversação.
Vai-se.

SCENA VIII. Roz.

Porfirio sabindo da casa da con-versação, e fecha a porta: depois Linnauro.

Porf. He quazi noite, e Birban-te sem apparecer: setá preciso ir comprar a cera.
Liz. Criado do Senhor Porfirio.
Ant. Amizade, e boa feição.
Porf. Este he o modo com q' nos saudamos, e sem mais cerimoniaſ.
Liz. Assim deve ser: todos os cumprimentos são affectados.
Porf. Sem duvida: Uza-se dizem-se por civilidade palavras, sem separar no que significão, sem attender se com ellas se diz o que se intenta dizer: Por exemplo: *Sou muito seu creado*, mas se lhe mandarem fazer alguma coisa, q' não se ajuste ao seu animo, depressa lhe ha de dizer que não; e depois o tal creado, que se professa todo

reverente, trata, e falla com tal ioberba, que mette medo a todos.

Liz. Senhor Porfirio, hum meu amigo queria ter companheiro da nossa conversação.

Porf. He homem honrado?

Liz. Certamente.

Porf. Mais devagar com esse ce-gosamente. Dos homens honra-dos, no nome ha muitos, e de facto ha poucos. Que provas tendes vós para conhecer que he homem honrado?

Liz. Eu sempre o vi tratar com pessoas civis.

Porf. Não basta: nas conversações civis, nem todos são hom-mens honrados: o tempo he que os descobre.

Liz. Elle he bem nascido.

Porf. O nascimento não he que faz os homens honrados, mas sim as boas acções.

Liz. He hum homem, que dis-pende generosamente.

Porf. Tambem ella razão he equivo-ca: he necessário ver se esse dinheiro que elle gasta he todo seu.

Liz. Eu não sei lá dos seus inter-esses.

Porf. Então não vos podeis em-penhar em propô-lo por hom-mem honrado.

Liz. Dessa sorte suspietaremos de todos, e não praticaremos nu-hum.

Porf. Não, amigo, he necessa-rio que me entendais melhor:

D 2 Não

Não digo de vemos suspicitar de todos sem razão, nem que só devemos praticar aquelles que conhecemos honrados: a honestidade pede q' acreditemos todos por homens de bom, se não temos provas em contrário. Aquelles porém q' cabalmente se não conhecem, praticão-se com alguma cautela; não se lhe acredita tudo; provaõ-se, e examinaõ-se com delicadeza; e se com o tempo, e com a experiencia se acha hum homem verdadeiramente honrado, bẽ se pôde dizer com liberdade, q' se achou hum bello thezoiro.

Liz. Este q' vos proponho o creio honrradissimo; mas não posso ficar por seu fiador.

Perf. Não importa, nós o receberemos, e provaremos: se for oiro, elle luzirá; e se for chumbo, o faremos ver que não he digno de nós.

SCENA IX.

Birbante, e os ditos.

Bir. Está aqui o Senhor meu amo?

Perf. Sim, aquí estou: peza-te muito?

Bir. Venho taõ carregado de co-
des, que me não posso mover.

Perf. Trazes as velas?

Bir. Não tive tempo para compra-las.

Perf. Eu irei a essa diligencia, e tu vem buscá-las.

Bir. Metto-lhe dentro esta fazenda, e vou depressa: estou taõ

carregado, que não sei como hei de abrir a porta.

Perf. Abra-lhe a porta, Senhor Lizauzo.

Liz. Com muito gosto. abra.

Bir. Tenho a esperanza de ficar esta noite intitulado por hum heróe.

Perf. Certamente.

Bir. Verá que ceia-lhe ponho na meza.

Perf. Último; isso me dá gosto.

Bir. Porém as contas não de ser peçadas.

Perf. Não importa: quando as coizas se fazem limpamente, dispendo com gosto.

Liz. Senhor Porfirio, estaõ posso dizer ao amigo que venha?

Perf. Quem he elle? como se chama?

Liz. He hum certo Flaminio de Mesquita.

Perf. Bellamente: será proposto, e ouviremos o que dizem os outros.

Liz. Quizera trazê-lo para a ceia.

Perf. Não trazê-lo, neste tempo se resolverá o caso.

Liz. Vou buscá-lo. Espero q' si careis contente. Amizade, e boa feizaõ.

Perf. Nada me importa mais do que ver em a nossa companhia gente honesta, de bom coração; e que em qualquer lance saiba socorrer hum amigo:

Todos neste mundo temos precisão huns dos outros, e estáõ poucos aquelles que fazem bẽ

por

por ter coraçãõ bom, e achar quatro entre mil, he mais difficil, do que achar hum thezoiro.

Vai-se.

SCENA X.

Leonora com véo.

Leon. Já he bastante noite, quero ver se faço a empreza: aquella he a tal porta, e estas são as chaves. Se posso entrar, esconder-me, e ver sem q' seja vista, examinarei tudo. E se for descuberta, que coiza me poderãõ dizer? donde vai meu marido tambem eu posso ir: antes todos me louvarãõ: se entro nesta casa não he por outro fim: quero bem a meu marido, e quero saber onde vai, e o que faz: sim, quero sabê-lo: muitas vezes lhe disse, eu o fabricar; quero poder dizer-lhe hũa vez: ja o tube. Não vejo pessoa alguma. Quero provar a chave. mette a chave.

SCENA XI.

Birbante abre a porta, e Leonora com medo se retira.

Bir. Quem está ahí?

Leon. Pobre de mim, lá me ficaram as chaves. *Vai-se.*

Bir. Hũa mulher! com chaves! vou dizê-lo a meu amo.

Fecha a porta. leoa as chaves com que abriu Leonora, e parte.

SCENA XII.

Leonora vestida de homem, e Beuzaria com véo.

Bel. Não ouvistes dizer que não

entrao cá mulheres? tens visto? aquella que agora sahio, he mulher.

Laur. Alli ha traficancia.

Bel. Entremos tambem nós, e vejamos se estáõ lá outras.

Laur. Vemos: aqui estáõ as chaves. Porém calada... sinto gêto.

Bel. Não quizera que fosse-mos descobertas antes de entrar: depois pouco importa: quando tiver-mos sabido tudo, descubraõ-nos embora; mas se nos achãõ aqui...

Laur. Retire-se.

Bel. E tu não vens?

Laur. Eu estoo vestida de homẽ. He ja muito de noite, e não me conheceraõ.

Bel. Oha não me enganes.

Laur. Fia-se de mim.

Bel. Espero-te naquelle beco.

retira-se.

Laur. Eu tenho animo; mas estoo tremendo hum pouco.

SCENA XIII.

Porfirio, e os ditos.

Perf. Hũa mulher com as chaves da casa? queria entrar lá dentro? que negocio he esse? qué he o infiel, que com as mulheres quer arruinar a nossa innocente sociedade! Vejo alli hũa vulto, será algum dos companheiros?

Laur. Este que chegou, parece-me aquelle que se chama Porfirio.

Perf. Amizade, e boa feizaõ. *forte a Laur.*

Laur.

Laur. Que historia he esta de amizade, e boa feição? *a p.*
Porf. (Ou elle não ouve, ou não he da companhia.) Amizade, e boa feição. *chegado-se a Laur.*
Laur. Sim Senhor. *levantado a voz*
Porf. Não he da sociedade: mas que fará elle aqui? *a p.*
Laur. Não quizera ser descoberta.
Porf. Que faz aqui, meu Senhor, espera alguém?
Laur. Espero hã amigo. *em falso*
Porf. Espera hum amigo? Ou elle he muzico, ou algũa mulher. *a p.*
Laur. Será melhor que eu me vá embora.
Porf. (Quero ver que negocio he este.) Diga-me, Senhor, quem espera?
Laur. Nada, Senhor; sou seu creado. *quer partir.*
Porf. Será V. m. talvez hum daquelles companheiros desta sociedade?
Laur. Sou, sim Senhor.
Porf. Mas então, porque quando lhe digo amizade, e boa feição não responde o mesmo?
Laur. Ah, sim, tinha-me esquecido. Amizade, e boa feição.
Porf. (Isto he mulher! Que historia será esta?) Porque não entra para dentro?
Laur. Esperava pelo Senhor Onorio.
Porf. Todos tem as suas chaves. V. m. não as tem?
Laur. Oh, sim Senhor, tambem as tenho.
Porf. Deixe-me vê-las,

Laur. De que serve isso? basta dizer que as tenho.
Porf. Como não as mostra, he máo final.
Laur. Aqui está.
mostra-lhe as chaves.
Porf. Então pôde servir-se. Entre para dentro.
Laur. Vá V. m., que daqui a pouco irei eu.
Porf. Eu tenho que fazer: vou cuidar em certa coiza, e logo torno. Entre V. m.
Laur. Farei o que me ordena.
Porf. (Quero ver em que acaba este negocio.)
Laur. Vai V. m., ou entro eu?
Porf. Entre V. m.: Amizade, e boa feição.
Laur. Boa feição; e amizade. *Vai abrir. Porfirio chega-se a Lauriana, e lhe tira as chaves da mão, ou lhe pega nellas mettidas na porta.*
Laur. Como he isto, Senhor? *defendo-se.*
Porf. Quem lhe deu estas chaves? Quem he? Que quer?
Laur. Amizade, e boa feição.
Porf. Com mulheres não quero amizade.
Laur. Eitoo descoberta: vou a balando. *Vai-se correndo.*
Porf. Em correr tem boa feição: não estou para me cançar correndo atraz de ti. Que historia será esta! duas ordens de chaves fóra das mãos! As chaves em mãos de mulheres! mulheres introduzidas em a nossa

conversaço! acabou-se tudo: finalizou a sociedade.
entra, e fecha.

SCENA XIV.

Onorio, e Leopoldo.

Leop. Tenho gosto de achar-vos aqui: perdi a minha chave, e não sei donde, nem como: esperava algum amigo, para que me abrisse a porta.
On. Eu vos servirei: porém, amigo, tende cuidado naquellas chaves: o pobre Senhor Porfirio, de quando em quando, se se perdem, as manda mudar.
Leop. Tenho mettida na cabeça hũa suspeita.
On. De que?
Leop. Tenho suspeitas que me tirou minha mulher: se he verdade, prometto que se lembrar do arrojo por todo o tempo da sua vida.
On. Deixai-vos disto; não vos inquieteis: soffrei-a se podeis; e se não podeis, mandai-a para o seu Paiz.
Leop. Se vós souberdes o quanto me fez encher de raiva com hũ maldito: Eu o saberei?
On. Isto he bacatela: vamos.

SCENA XV.

Onorio, Floriano, e Leopoldo.

On. Oh!ahi vem outro companheiro.
Todos. Amizade, e boa feição.
Fl. De proposito vós vigia seguido.

On. Sim, vamos todos juntos.
Fl. Não, buscava-vos de proposito para vos dar a minha cuza, e supplicar-vos q' o dissesseis ao Senhor Porfirio: esta noite não posso cá vir.
On. Não? porque cauza?
Leop. Se não vindes, pagareis o que vos toca.
Fl. Sim, he justo.
On. Dizei-me a cauza porque não vindes?
Fl. Tenho hum negocio precizo: esta noite não posso.
On. Oh! tenho percebido: não vindes porque tendes medo.
Leop. Talvez vo lo prohibio a Espozas.
Fl. Não mo prohibio; mas posso eu fazer menos para satisfazer-lá?
On. Bellissimo gentro! Louvo seiais condescendo com minha filha; porém quero-vos fazer hũa advertencia: não vos deixeis levar pela mão tão cedo; quando não, depois vos arrependereis: as mulheres dizem de boamente aquella bella palavra, quero; e quando se lhe faz boa hũa vez, nunca mais a deixão.
Fl. Não sei o que vos diga. Esta vez foi precizo obrar: sim, para a outra...
On. Oh! isto foi justo: regelaivos com prudencia. Amigo Leopoldo, vae-vos, e deixemos no seu socoço este pobre memorado. *busca as chaves.*

Leop. Amigo, quando foreis ca-
zido, verás que bello diver-
timento tendes: se vos toca
hãa mulher como a minha,
estareis trefendo!

Os. Que chaves são estas!

Leop. Não são as vossas?

Os. Não: agora me lembro. La-
rina, erro quando me deo as
chaves: esta he da copa, e esta
da dispensa. Como as tinha
eu na algibeira do outro vesti-
do! Certamente que não posso
perceber esta arenga!

Leop. Que fitemos para entrar?
he preciso bater.

Os. Não será preciso; o Senhor
Floriano fará o favor das suas.

Fl. Sinto não as ter cõigo.

Os. Isto está bom!

Leop. Onde as deixastes?

Fl. Sabendo que esta noite não
y nha, as fechei na papeleira.

Os. Vedes! Elle he hum fugeito
acautelado: guarda as chaves,
não as perde como vós fazeis.

Leop. E vos as deixastes em po-
der de mulheres.

Os. Bello cazo! todos tres sem
chaves!

Leop. Batamos á porta.

Os. Sim. *batem.*

SCENA XVI.

*Os ditos, e Porfirio que sabe da
causa.*

Porf. Que he isto, meus amigos,
não tendes chaves?

Leop. Eu perdi as minhas.

Os. E eu as deixei em caza.

Porf. Ora veja se se são algũas
d'estas.

Leop. Eis-aqui as minhas.

Os. E estas as minhas!

Porf. Aprendei a guardá-las: a-
prendei melhor a sustentar a
palavra, e envergonhai vos de
prostituir o di. coro vossas li-
zenças, e curiosidade das mu-
lheres. *entra.*

Leop. Que dizeis? isto não se a-
tura: minha mulher me paga-
rá. *Entra e Onorio fazendo
varias admirapões cõ as chaves.*

Os. Oh! já sei. *entra.*

Fl. Que embalhadas são estas?
estariaõ por ventura entre a-
quellas chaves, as q dei a Ro-
zimunda? Porém não; elles as
reconheceraõ por suas, e Ro-
zimunda não será capaz de en-
tregar-me. O certo he q estas
mulheres morrem por saber
vejo gente... aquelle q traz a
lanterna he Pantuso; vê mais
hãa mulher com a cara cuber-
ta. Será talvez a Senhora Be-
lizaria, que venha em segui-
mento de seu marido? quero
oblivar. *retira-se.*

SCENA XVII.

*Rozimunda com vao; Pantuso cõ
sua lanterna, e Floriano retrado.*

Roz. Vem cõigo, não tenhas
medo.

Pant. Porém a mim, Senhora,
nesta qualidade de contrabun-
dos, tremem-me todas as tri-
pas, e entra-me a doer as co-
stas,

Roz. Toma as chaves, abre a
porta depressa.

Pant. Basta. Abrirei, e depois
metto a chave na fechadura.
Figurando nas chaves.

Pant. Não me abra a cabeça, e
as chaves pôde levá-las.

Roz. Como he isto! Assim susten-
tais a vossa palavra? Promet-
teis-me de não vir cá, e de-
pois vindes?

Fl. Ah ingrata! Vós assim me
guardais fé? Tirais-me as cha-
ves, jurais-me guardá-las, e as
empregais desta forma?

Roz. Eu só vos prometti, q não
sahiriaõ das minhas mãos.

Fl. Promessas dolozas, dirigidas
a enganar-me. Porém que não
sabe o que feio se, não merece
que se lhe guarde. Já q vós me
tendes enfiado a obrar desvosa-
mente, me valerei dos vossos
barbaros documentos, e agora
diante dos vossos olhos entra-
rei naquelle mesmo lugar, dô-
de não quereis q eu entrasse.

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl. *abre, e entra.*

Roz. Ah! não, querido Floria-
no...

Fl. Calai-vos. Se me sabeis amar,
não mereceis ser deiculpada; o
se me tendes amor, vos fizeis
de regra, e de castigo esta pe-
na, que justamente experiamos
tais. *abre, e entra.*

Roz. Ai de mim! Pantuso?

Pant. Senhora?

Roz. Sinto-me morrer.

Fl.

Pant. No meio dá tua? Tenho animo. Eu não tenho aqui se não hums poucos de murroés da lentera.

Roz. Estão morrendo!
Pant. Eu não sei como me sinto. Não ha quem acuda?

SCENA XVIII.

Belizaria, Leonora, Lauriana de varias partes, e os ditos.

Laur. Que he isto?
Laur. Que succedeo?
Bel. Minha-Filha!
Roz. Eu vinha procurar-vos.
Bel. E eu vinha em teu seguimento.

Pant. E eu não sei ja ao que vinha, porque tudo me esqueceo com o medo.

Bel. Para que sahistes fóra de casa a esta hora?

Pant. E eu para que fui tolo em vir acompanhando-a?

SCENA XIX.

Birbante com as velhas, e as ditas.

Birb. Que historia he esta? a estas horas? isto he feira de mulheres?

Laur. Birbante, aqui estamos: hãa, duas, tres, e quatro: somos quatro mulheres dezesperadas.

Pant. E cômigo fazem cinco.

Birb. Mas dezesperadas! porque cada? talvez por curiosidade de saber o que se faz lá dentro?

Laur. Não he curiosidade; mas

sim excessiva vontade de saber.
Bel. Importa-he saber o que faz meu marido.

Leon. Quero saber o q faz o meu.
Roz. Quero saber o que faz o meu Elpozo.

Laur. E eu não tenho cá parentes, nem adherentes; mas tenho hum natural, que quizera saber tudo quanto se faz neste mundo.

Pant. Sendo assim, não se pôde dizer que são curiosas.

Birb. Senhoras, esperem hum pouco. (Estas mulheres pôde ser coisa de muitos dispostos.) Querem entrar lá dentro?

Laur. Oh! o Ceo o quizera.

Bel. Eu daria quanto possuuo.

Birb. Caluda: deixem, que eu as satisfarei.

Bel. Mas como?

Birb. Fiaç-se de mim?

Laur. Sim. Birbante he honrada: eu fico por elle.

Birb. Pantuso, sabes a casa que fica ao lado da cozinha?

Pant. Prouvera a Deos que o não foubra: tenho carregado para lá muitas vezes a lenha.

Birb. Toma esta chave: abre aquella porta que sahe para a travessa; cõduze estas Senhoras com esta lentera; e vem por esta parte, q eu te espero.

Bel. Ah! Birbante, não nos entregies.

Birb. Admiro-me da sua advertencia: fie-se de mim.

Laur. Finalmente; somos quatro

mu-

mulheres: não temos medo, nem do vinte, nem de trinta homens.

Pant. Tenha a bondade: venha cômigo; que quero ter a honra de Conductor destas curiosas Personagens. *Vai-se.*

Bel. Rozimunda, ja que estás aqui, vem cômigo. *Vai-se.*

Roz. Não estaria, se V. m. me não desse exemplo. *Vai-se.*

Leon. De hum modo, ou de outro, com tanto que eu veja fico contente. *Vai-se.*

Laur. Meu Birbante, faze-me ver tudo; não ja por curiosidade; mas por divertimento. *Vai-se.*

Birb. Esta vez tomo hum arbi-

trio, que não sei como me terá disculpado: eu só o faço por fazer bem, e espero não ser mal succedido: estas mulheres são indiabradas! são capazes de precipitar as cazas, e os maridos! Se falo bem do que penso, espero que meus amos fiquem contentes; as mulheres deenganadas; e eu, que sou hum pobre criado, com a gloria de contribuir para a paz, e contentamento de todos: e para a subsistencia de hum lugar, donde tambem eu tiro o meu proveito, e vivo como homem honrrado. *Vai-se.*

ACTO III. SCENA I.

Camara na casa da conversação com varias portas. Rozimunda, Belizaria, Leonora, Lauriana, e Birbante.

Birb. V Enha cômigo, e não daidem. Eu as porei em hum lugar, adonde, sem q sejas vistas, observem tudo.

Bel. Que lugar he esse, donde nos queres metter?

Birb. Hãa camara escura, donde não está ninguém.

Laur. Será a camara do thezouro?

Birb. Sim Senhora, lá está o thezouro, mas he em outra casa.

Leon. Está lá as fornalhas?

Birb. Nada disso. As fornalhas estáo na cozinha.

Bel. Qual he a camara do jogo?
Birb. Cá jogão algúns vezes com as Damas.

Roz. Com as Damas? Sim; já percebe: divertem-se com as mulheres.

Birb. Verá com que mulheres se divertem: as suas multoies são garrafas.

Laur. As garrafas, ou as caldeiras?

Birb. Panelas! caldeiras! para fazer o que?

Laur. Para fazer as feitiçarias;

E a pa;

para descobri-los thezoiro.
Birb. Sim, Am, dizes bem. Retirem-se depressa, quanto gentes; e veja-se que devem estar caladas, sem fazer susurro.

Roz. Se vejo lá mulheres, nem trezentas cadeias me segurão.
entra.

Bel. Se meu marido joga, rasgo-lhe as cartas.
entra.

Loon. Quero quebrar-lhe todos os seus lambiques.
entra.

Laur. Se descobre o thezoiro, também eu quero a minha parte.
entra.

Birb. Para pacificar estas mulheres cruellas, não ha outro remedio, senão que veja tudo com os seus proprios olhos. Vê meus amos; vou acabar de apparellhar a cela: Se a intenção fahir bem, sou o primeiro homem do mundo; se acaso fahir mal, paciência: quando a intenção he boa, deve ser difficulpação quem entra. *Vai-se.*

SCENA II.

Porfirio, Onorio, Leopoldo; e Floriano.

Leop. O caso; sem duvida, foi da sorte que eu o figurô: minha mulher tirou-me da algibeira furtivamente as chaves.

Porf. Quem sabe se acaso seria aquella, que vestida de homem andava girando a porta?

Leop. Minha mulher vestida de homem! não posso acreditarlo: não tenho em casa vestidos que lhe sirvaõ.

Porf. Então será aquella que Birbante encontrou com as chaves abrindo a porta.

Leop. Se isto he verdade; se ella me fez esta graça; juro aos Ceos, que me ha de morrer debaixo de hum bastão.

On. Não, amigo, não tenha's tanta furia.

Leop. Poderei ter a vossa clemencia paxorra.

On. Deixai-me dizer duas palavras: Vós fostes enganado pela vossa mulher; eu pela minha; e o Senhor Floriano por aquella que será sua. Consideremos hu pouco o motivo deste seu transporte: ou provém do amor que nos tem, e não nos podemos queixar; ou provém de hum effeito da natureza, chamado corfozidade, e devemos desculpar o seu temperamento: Quem nasce com defeitos merece compaixão: O homem Sabio deve procurar corrigi-los, sem escandalizar-se; mas sabei, amigo, q' não he a ira aquella q' produz correções; mas sim a razão: dar na mulher dez annos, e vinte, sempre será peor. Onde, húa de duas ou corrigi-la com amor, ou não; corá-la com indifferença.

Porf. O Senhor Onorio diz bem: Elle falla como homem Sabio, e Pilozoso verdadeiro; porém eu tenho outra regra, que me parece mais segura, e q' aprendo

di á minha custa: Das mulheres sempre andei longe; e agora procurei fazer esta união de homens sem mulheres; e mulheres não haõ de cá entrar certamente. Meus amigos, supplico-vos que guardéis as chaves, pois se as mulheres vo las tiraõ, sem duvida tendes perdido a liberdade.

Fl. Eu fui o mais fragil, e o mais louco de todos. Confesso o meu descuido. Eu mesmo dei as chaves em deposito á Senhora Rozimunda, nem já mis acreditaria que ella me podesse enganar...

On. Basta, não vos encolereizeis. O amor cega. Cegou-vos a vós no dar-lhe as chaves, e a ella cegou-a em servir-se dellas. Cõ o tempo vos acatellareis melhor. Virá aquelle tempo, em q' vós não lhe dareis conta dos vossos passos, e ella não procurará saber donde ides.

SCENA III.

Lizario, e os ditos.

Liz. Amizade, e boa feição. Senhor Porfirio, difficeis alguma coiza a estes Senhores sobre aquella companheiro, que vos propuz?

Porf. Que dizem? são contentes de que se receba este novo adjuvo?

On. Quem he? como se chama?
Liz. Elle he o Senhor Faminio Mesquita. Tendes conheçimẽto delle?

On. Eu não o conheço.
Leop. Conheço-o eu. Ha homem honrrado, e metee fer admitido á nossa conversação.
Porf. Bom. Como o conhecem; pôde-se receber. Que diz o Senhor Onorio?
On. Eu sou contentissimo.
Leop. E eu tambem.
Liz. Então posso dizer-lhe que entro.

Porf. Espere hum pouco. Havemos dar-lhe entrada para tollitante, ou para companheiro? Nós temos gaitado bastãte nesta caza; nos temos despendido, e temos feito aquillo, que he possível, donde parece justo, que, como entra novato, tenha de pagar patente, e largar a esportula. Que lhe parece?
On. Em quanto a saim, pague, ou não pague.

Liz. Este sujeito he hum homem generoso, e se accommodará a tudo o que lhe ordenarem.

Porf. Façamos assim. Pague elle a cela desta noite. Digo mai?

Leop. Dizeis bem. Põde pagar menos para entrar em húa simillhante companhia?

Flor. Não que toca a mim darci a minha parte.

Porf. Nada, Senhor Floriano. Isto de entrar cada hum com o seu tanto; não se pratica por algũ motivo de avareza; e se acaso sentencemos o novo companheiro a pagar a cela por esportula, he sómente por gan-

Istaria da Sociedade. Que diz V. m., Senhor Lizauro?
Liz. Está bom. E agora com este ajuste o introduzo sem demora.

Vai-se.

Porf. Quantos mais formos, mais alegres estaremos. Oh! esquece-me de perguntar-lhe hã coiza.

Leop. Que coiza?

Porf. Se este tal Senhor era casado. Daqui em diante, não só não quero mulheres, mas nem ainda homens casados.

Fl. Porque?

Porf. E Esposos de nenhuma sorte.

Fl. Mas porque?

Porf. Porque não sabem guardar as chaves.

SCENA IV.

Lizauro, Flaminio, e os ditos.

Liz. Amizade, e boa feição.

Porf. Ensinou-lhe o compromisso?

para Lizauro.

Flam. Criado de Vv. m. m., meus Senhores.

Porf. Que criado? Amizade, e boa feição.

abraçando-o.

Flam. Amizade. Diss-me o Senhor Lizauro, que os Senhores se dignava de fazer-me a honra...

Porf. Que dignar he esse? que honra, nem que historia? Estes termos são por nós desberçados. Boa amizade, e nada mais.

Flam. Aqui estou disposto para seguir as ordens da Sociedade.

Porf. Nada. Como paga a conta; temos concluido: Aquillo que V. m. faz esta noite, em outra occasião o fará outro novato, e assim nos divertimos.

Flam. Se me julgais habil para supprir qualquer incumbencia, me achareis disposto para tudo. Não tenho a temeridade de aspirar tão cedo aos primeiros cargos; porém ao menos a algum dos inferiores.

Porf. Que cargo! Que arengas! Aqui não ha fadigas, nem cargos: todo o trabalho consiste em poder bem de comer, bem de beber, luzes, livros, papel, e algum jogo innocente, q' hã, va de divertimento.

Flam. Em algãas partes se diz, q' tendes entre vós diversas infracções, as quaes se chega cõ o tempo.

Porf. Isto são frioleiras, fallacias da gente, e superabundancias de engenho daquelles, que não queremos em a nossa conversação, os quaes com apparencia de grandes nos pertendia arruinar.

Liz. Estas noticias lhe tenho en dado muitas vezes, e elles não lhe querem dar credito.

Om. Sim, todo o mundo está persuadido, que a nossa união tem algum misterio. Isto he hum effeito da soberba dos homens, que impacientados de não saberem, daõ a entender aos outros tudo aquillo que não entra a se:

a fogerir a fantazia delirante, desconfelhada, e maligna.

Leop. Esta noite; quando cearmos, vereis todas as nossas maiores incumbencias. Hum ategremente tira a roupa de hã garrafa; outro descobre hum prato; hum trinxã; outro canta; hum daqui diz graças; e outro dalli muito serio se applica a comer de tudo, o qual cargo ainda que indignamente ho meo.

Flor. Sabereis que não he permitido às mulheres o entrarem aqui.

Flam. He verdade, e estas são aquellas, que com mais excessõ murmureõ de vós, e dizem q' aqui ha coiza de segredo.

Porf. Que segredo! Cã não se fazem coizas illicitas; não se diz mal de ninguem, nem offende pessoa algãa. Aqui estã os Capitulos, e Leis da nossa Sociedade: Vede se podem ter mais honestos, e se ha precisão de segredo.

I. Que não se receda na Sociedade pessoa, que não seja honesta, civil, e bons costumes.

II. Que qualquer possa divertir-se a seu gosto em coizas licitas, e honestas, virtuozas, e de bom exemplo.

III. Que não se possa jogar jogos interessantes, mas sim jogos innocentes, por puro divertimento, e quando muito a meo tabã a partilha.

IV. Que cada hum deve applicar-se a qualquer arte, ou a qualquer sciencia, cõmunicando aos outros aquellas luzes, que adquirio com a leitura.

V. Que todos os dias de ajuntamento deva hã da companhia propôr algã duvida, ou economica, ou mercantil, ou scientifica, sobre a qual todos digã a sua opinãõ.

VI. Que se façã jantares, ou ceias em companhia; porém com sobriedade, e moderaçãõ; e aquelle que fosse excessivo em beber, ou se visse inteiramente ebrio, pela primeira vez seja condemnado a pagar o jantar, ou ceia daquelle dia, e pela segunda lançado fóra da Sociedade.

VII. Que cada hum entre com dez tostões por mez para as despesas necessarias, como são moedas, luzes, servos, livros, papel, &c.

VIII. Que seja prohibida para sempre a introduçãõ das mulheres, para q' assim não possa nascer escandalo, dissensões, ciu mes, e coizas semelhantes.

IX. Que o resto do dinheiro q' se paltar se deposite em hã caixa para soccorrer algum pobre, q' se envergonha de pedir.

X. Que se algum da Sociedade cahir em algã desgraça, que não seja contra a devida reputaçãõ, seja assistido dos outros, e defendido com amor fraternal.

XI. Que aquelle que cometer

algun delicto, ou qualquer coisa indigna, seja lançado fóra da Sociedade.

XII. (E este he o mais gracioso, e o mais cómodo de todos) Que sejam desterradas as cerimoniaes, as saudes, os cumprimentos, e as affectações. Que a meza quem tiver fome, coma; que tiver sede, beba; quem se quizer ir, que se vá embora; quem quizer ficar, fique; e que não haja outra saudação, nem outro cumprimento, senão este: Amizade, e boa feição. Que lhe parece? Não he hũa Sociedade inatível?

Fiam. Cada vez mais me alegro de ser admittido.

SCENA V.

Birbante, e os ditos.

Birb. Senhores, quando quizerem, a meza está prompta.

Porf. Vamos.

Fiam. Tende a bondade. *faz sinal de que vai adiante.*

Porf. Vedes? isso são frioleiras contra o ultimo Capitulo. Que está mais vizinho á porta, entra primeiro que os outros, e sem mais cumprimento. Amizade. *entra.*

Fiam. Não ha coiza mais excelente. *entra.*

Leop. Vamos, amigos; a raiva q' eu tive de minha mulher causou-me hũa fome terrivel. *entra.*

On. Eu sempre igualmente como

bem, porque me rio de tudo; e nunca me inquieto. *entra.*

Flor. Eu não posso dizer isto. Amo a Rozimunda, e penso quando recordo que a dei gosto. Ella o mereço; porém o meu coração me reprehende de a ter tratado com tanta aspereza. *entra.*

Liz. Eu não digo nada; e agora só cuido em ir encher a barriga. *entra.*

SCENA VI.

Belicaria, Rozimunda, Leonora, e Lauriana.

Leon. Tendes visto?

Bel. Ouvistes?

Laur. De facto quem me disse do thezoiro não me enganou.

Roz. Não te enganou? donde está o thezoiro?

Laur. Está alli dentro. *apontando para onde entrará o boueur.* Hũa boa meza, cheia de codea; he o mais bello thezoiro do mundo.

Leon. Pobre meu marido! diverte-se, e não faz mal a ninguém.

Bel. Parecia-me impossivel que Onorio jogasse.

Roz. Floriano he hũ fugeito Sabio, e attento; porém tratou-me com muita crueldade.

Laur. Por sua culpa, Senhora: devia fiar-se delle, e não mostrar tanta curiozidade, como mostrou.

Roz. Quem me introduzio neste appetite foi minha Mãe.

Bel. Eu não o fiz por curiozidade;

de; só o fiz por empenho. *entra.* Também eu o fiz por hum pique.

Bel. Como he verdade; vamos para cama, que não preciso ver mais.

Leon. Sim, vamos, para q' não pareça q' queremos ver o que fazem os outros.

Roz. Oh Ceos! quem sabe se Floriano me tem ainda amor! quizera ver se come, ou se está melancolico.

Bel. Vamos, tudo se comporá. *partindo.*

Laur. Esperem hum instante: Eu verei se o Senhor Floriano come, ou não come. *espreita á porta.*

Leon. Vamos, q' não parece bem espreitar á porta.

Bel. Vamos, vamos.

Laur. Oh que bella meza! Só o cheiro que della vem consola.

Bel. Quantos são?

Laur. Eu vejo seis. *espreita.*

Leon. Comem? *espreitando.*

Laur. Dezenagaõ fortem-nte.

Roz. Floriano come? *espreitando.*

Laur. Está conversando.

Bel. Sempre assim foi, cómo devagar, e sempre falla.

Leon. E meu marido que faz?

Laur. Oh! Se V. m. visse!

Leon. Que coiza?

Laur. Que bello pastellaõ!

Leon. He grande? *corre ao buraco da faxadura.*

Bel. Pastellaõ de q' corre para ver

Laur. De vagar, Senhora, eu ei-

tou primeiro. *olhando pela janela.*

Bel. Despachai; tambem eu quero ver. *a Leonora.*

Roz. (E depois haõ de dizer que eu sou curioza.)

Leon. Oh! bella coiza!

Bel. Deixai-me ver. *faz retirar Leonora, e espreita.*

Laur. Esta fenda que tem a porta não a dou a ninguém.

Bel. Oh! bella codea! *olhando.*

Roz. E eu nada.

Bel. Bebem.

Leon. Quem? quero ver.

Roz. Tambem eu quero ver.

Bel. Vem para aqui. *a Rozimunda dando-lhe lugar.*

Roz. Floriano bebe.

Leon. E Leopoldo?

Roz. Trinxa hum frango.

Leon. Quero vê-lo. *tira do lugar Rozimunda com força.*

Roz. Só V. m. quer ver?

Laur. Depressa, depressa, retiremo nos. *deixa de olhar.*

Leon. Porque?

Laur. Pantufo vem direito para a porta.

Bel. Q' e faz Pantufo?

Laur. Serve á meza.

Bel. Quero vê-lo. *espreita.*

SCENA VII.

Pantufo com hum prato de pastéis, e os ditos.

Sabindo se encontra com Belicaria, e fica suspenso.

Bel. Caluda. *a Pantufo.*

Pant. Que fazem aqui? elle gui-

zado não entra cá.

Leon. Calude.

Pant. Em quanto a mim; não.

Vou guardar estas bacatelas, e logo torno.

Laur. Que he isso?

Pant. Os meus incertos. He o resto dos pasteis.

Laur. Deixa-me provar. tira bñ.

Pant. Tira sem medo.

Laur. Estão bem feitos.

Bel. Deixa-me ver. tira hum.

Pant. Sirva-se.

Leon. Com licença. tira hum.

Pant. Sem cerimonia.

Roz. E eu nada.

Pant. Se lhe faz conta, tire este.

Roz. Sempre o tiro para provar. tira hum.

Pant. Assim alimpei o prato. Guardado está o bocado para quem hi de comê-lo. Torno a buscar outra vinda.

Laur. Traz-me alguma coisa boa.

Pant. Vão-te embora, Senhoras, que se elles as vem, pobre de Vv. mm.

Bel. Não digas nada.

Pant. Não fallo; mas não volto cá por não ficar sem nada. entra, e fecha a porta.

Bel. Vamo nos embora, antes q' sejamos presentidas.

Leon. Sim, he melhor que nos vamos.

Roz. Vamos, para que o Senhor Floriano não tenha motivo de insultar-me outra vez.

Laur. Dou hũa vista de olhos, e venho logo. corre para a porta

Bel. Vamos, curioza!

Laur. Oh! bella vista q' fazem! olhando.

Bel. O q' he? torna para a porta.

Laur. As Serpentinias.

Leon. As Serpentinias? torna para a porta.

Roz. Com as luzes? torna para a porta.

Laur. São de cristal com flores. Parece hum jardim.

Bel. Quezo ver.

Leon. Quero observar.

Roz. Também eu.

Todas se encostão, e fazem força por ver, de que resultava abrir-se a porta, Lauriana cabe, e ellas sabem para fóra.

SCENA VIII.

Porfirio, Orosio, Leopoldo, Floriano, Flautino, hum com guardanapos, outros com copos, alguns com luzes, e os ditos.

Porf. Que historia he esta?

Leop. Juro aos Ceos... que'rendo dar em Leonora.

On. Suspendei-vos, prudencia, e moderaçõ.

Porf. Como estão cá estas Senhoras? quem as trouxe? quem as introduzio?

SCENA ULTIMA.

Birbante, e os ditos.

Birb. Senhor meu amo, aqui estou: à caça fui eu, tenho a bondade de ouvir-me: Se merecer castigo, castiguem-me; se premio, fação-o que for seu gosto.

Os.

On. Percebo o negocio; Birbante as introduzio para dezenganá-las; e para q' mais não suspeitem mal de nós: he verdade?

Birb. Sim Senhor. Hũa dizia que se jogava, e se arruinavaõ as cazas; outra maltratando a reputaçõ, que vinhaõ cá mulheres: hũa queria que se fizesse o Lapis Filozoforum; e outra q' se descobrisse hum thezoiro. Estas coizas na boca das mulheres enchão em pouco tempo o Paiz, e para lho tirar da cabeça o dizer não bastava, o gritar não valia, e o dar-lhes não remedava. Era preciso accommodá-las; era necessario que com os seus olhos vissem, e se lhe tirasse do coração esta maldita curiozidade. Viraõ, ouvi-raõ, não suspeitarão mais, e mais serão curiozas: Eu as introduzi; mas só com animo de fazer bem, e desta minha invençõ espero rezulto alguma utilidade.

Porf. Não sei o que digo: tomastes hũa grande liberdade; desobedeceites ao meu preceito, e bem merecias que te despedis-se; mas te he verdade que accommodavas estas mulheres, tenhas de deixar em paz os seus homens, e em tocego este lugar do nosso divertimento, te perdoo, e te prometto hum bom premio.

Birb. Que dizem Vv. mm. minhas Senhoras, ficão accommodadas?

Bel. Eu não tinha precisão de ver para me segurar da prudencia do meu marido.

On. Logo para que vieis cá?

Bel. Por contentar Rozimunda.

Flor. A Senhora Rozimunda não me acredita.

Roz. As más linguas me fazião duvidar; porém eu vivia certissima da vossa fidelidade.

Leop. E vós, Senhora Conforte estimadissima, sempre quizeis tentar aquelle vosso impertinente: Eu o saberei?

Leon. Está bem: não tenhais medo que eu diga mais: Eu o saberei.

Leop. Dizeis isso, porque ja o soubeis.

Laur. Meos Senhores, desculpenos, que em sim fomos mulheres: a curiozidade he hum mal cõmum; mas em nós parece q' obra com mais impulso. Aquelle ouvir dizer: Lá dentro não podem entrar mulheres, he o menos que metter-nos em caza hum appetite implacavel de lá ir; e no que toca a mim, se me dissessem: no fundo de hũ poço está hũa coisa, que não se ha de saber que coisa seja, me deixaria metter até ao poço para tirar de mim tal curiozidade.

Porf. A curiozidade está tirada: ficão contentes?

Leon. Esp' quanto a mim sou contentissima: querido Conforte, não vos hei de affigir mais.

Leop.

Leop. Se tiveres juizo será bom para vós.

Bel. Senhor Onorio, estais enfadado cõmigo?

On. Nada, minha Senhora, nada: conheço a fragilidade da vossa condiçãõ, e vos desculpo. Nada.

Roz. E vós, Senhor Floriano?

Fl. Esquecei-vos dos meus transportes, q̃ eu me esquecerei das vossas imprudentes suspeitas.

On. Como conseguisteis as minhas chaves?

Laur. Nada, Senhor, com hũa xicara de caffè.

On. Ah velhaca! agora me lembro. E vós que querieis que eu despisse o vestido!

Bel. Perdoai-me.

Porf. Acabe-se tudo: será ainda curiosas?

Bel. Não ha perigo.

Leon. Eu não, seguramente.

Roz. Nem eu tambem.

Laur. Oh! curiosidade, nunca mais.

Porf. Entãõ focegum, e vaõ-se embora: aqui não queremos mulheres. Ouviraõ o porque, e façaõ-me o favor de se porrem na rua.

Bel. Vamo-nos?

Leon. Que dizeis, Senhora Rozimunda?

Roz. Será preciso o irmo-nos embora.

Porf. Depressa: que fazem que não aballaõ?

Laur. Direi, Senhor: morrem com vontade de ver aquella bella armaçaõ.

Leon. Sim, e todas estas cazas interiores.

Bel. Vejamos tudo, ja que estamos aqui.

Roz. Esta vez, e não mais.

Porf. Isto ainda he resquicio da curiosidade. Vamos, satisficamo-las, e façamos-lhe ver tudo. E depois? E depois não seráõ mais curiosas. Isto he hũ mal, que não lhe podemos tirar da cabeça. Basta que siquem accõmodadas, vendo q̃ o nosso modo de viver he justificado, para nos deixarem gozar com focego esta honradissima Sociedade.

E vós, em quem as virtudes
Se fazem dignas, e proprias;
Ou ja na sinceridade,
Ou nos impulsos da honrra;
Nas amizades seguindo
Dos bons coltumes a norma,
Vede as dezordens que cauzaõ
Todos. As mulheres curiosas.

